

A manhã renascer esbanjando poesia: o papel da arte na luta contra o ur-fascismo e o anti-intelectualismo

The next morning will raise full of poetry: The importance of arts
on the fight against ur-fascism and anti-intelectualism

Sergio Schargel Maia de Menezes

sergioschargel_maia@hotmail.com

Mestrando em Literatura na PUC-Rio.

Resumo

Compreendendo o acesso à arte e à cultura como um direito humano universal, intenciona-se explicitar neste artigo as razões que as levaram a se tornarem alvo de ódio no Brasil, assim como os próprios direitos humanos em geral; e, principalmente, evidenciar sua função de resistência frente ao crescente ur-fascismo.

Palavras-chave: arte; resistência; anti-intelectualismo; direitos humanos.

Abstract

Understanding access to art and culture as an universal human right, this article intends to make explicit the reasons that made it become a target of hate speech in Brazil, same of which happened with human rights in general; and, mainly, to point art's role to face the growing ur-fascism.

Keywords: art; resistance; anti-intellectualism; human rights.

1 O ódio ao pensamento crítico como estrutura ur-fascista

A frase “Quando ouço falar em cultura, pego logo a pistola” (ECO, 2018, p.49) foi supostamente dita pelo ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels. Mas poderia ter sido dita no Brasil de 2019. E a comparação não é sem fundamento: em tempos de ameaça aos vagalumes¹, cultura e arte são progressivamente marginalizadas. Com efeito, a arte é particularmente incômoda ao ur-fascismo², já que produz uma das maiores formas de combatê-lo: a criação de pensamento crítico (ECO, 2018, p.49).

Neste quadro, significativo é o fato que a Lei Rouanet³, uma das maiores leis de incentivo à cultura no país, tornou-se alvo frequente de ataques que a interpretam unilateralmente de forma maniqueísta (DEARO, 2018), o que acarretou, recentemente, a definição de um teto de captação (para a maioria dos projetos) de um milhão para os estados de Rio e São Paulo, uma redução drástica do teto anterior de 60 milhões (GABRIEL, 2019). A lei é acusada de “utilização de dinheiro público para artistas ricos ficarem ainda mais ricos” (CERIONI, 2018), mesmo que ela seja usada majoritariamente por instituições, e não pessoas físicas, como, por exemplo, a Pinacoteca do Estado de São Paulo, cuja verba provém em 40% da lei (MARIANI et al., 2018). Mas a Lei Rouanet não é o único alvo: recentemente, o Ministério da Cultura foi “rebaixado” à condição de secretaria, 30% do orçamento para as universidades federais foi cortado (ENDRUWEIT, 2019) e casos como a censura de um livro em uma escola na Zona Sul

¹O cineasta italiano Pasolini utilizou-se da imagem dos insetos como alegoria àqueles que produzem arte e cultura como uma forma de resistência ao fascismo. A ideia foi retomada por Didi-Huberman em *Sobrevivência dos Vaga-lumes* e será utilizada neste artigo empregando o mesmo sentido. Seria possível utilizar também o conceito de “contemporâneo”, de Agamben, mas escolhi vaga-lumes por uma opção estética, por acreditar no poder imagético desta alegoria.

²Em *O fascismo eterno*, Umberto Eco cria o conceito de ur-fascismo: o fascismo eterno, que se retrabalha, se reconstrói, sempre paradoxalmente diferente e parecido no sentido de que, apesar de suas diferenças em relação ao fascismo original, possui diversos traços em comum e pode continuar a ser entendido dessa forma: “adapta-se a tudo porque é possível eliminar de um regime fascista um ou mais aspectos e ele continuará sempre a ser reconhecido como fascista” (ECO, 2018, p.43). Outros autores trabalharam posteriormente a mesma ideia, como Rob Riemen, Madeleine Albright, Jason Stanley, Zeev Sternhell, entre outros. Diversos outros termos para denominar os governos autocráticos atuais seriam aplicáveis e foram considerados, como populismo, trabalhado por cientistas políticos como Robert Muggah e Yascha Mounk; autoritarismo; o neologismo democracia; e a própria ideia de autocracia. Optei, porém, pela utilização do conceito de ur-fascismo porque não apenas o considero mais adequado para definir esses governos, já que elucida o caráter adaptativo deste sistema e metodologia de poder; mas também por ser o que tenho mais familiaridade e conhecimento, dado que é tema da minha pesquisa de dissertação. Seria necessário um espaço maior para que fosse possível se aprofundar no conceito, mas, para efeito de praticidade, é importante considerar que o ur-fascismo é basicamente uma atualização cíclica do fascismo, adquirindo novos aspectos, como o recente viés neoliberal no Brasil, mas que ainda pode ser compreendido como fascismo por manter alguns de seus pilares fundamentais, entre os quais o que será debatido neste artigo, o anti-intelectualismo: “o bacilo fascista estará sempre presente no corpo da democracia de massas” (RIEMEN, 2012).

³Apelido “oficial” da Lei de Incentivo à Cultura, principal lei de fomento à cultura e arte no Brasil.

do Rio (MOLICA, 2018) e o arquivamento de uma pesquisa da Fiocruz que contrariava as opiniões de um ministro (O GLOBO, 2019), exemplificam como a arte, a cultura e a ciência são um estorvo para o ur-fascismo, anomalias inconvenientes que devem ser moldadas ou, caso não seja possível, completamente extirpadas. Com isso, acadêmicos, artistas e intelectuais tornaram-se personas non grata:

Está na moda um anti-intelectualismo horrendo, “alimentado pela falsa noção de que a democracia significa que a minha ignorância é tão boa quanto o seu conhecimento”, segundo dizia o escritor Isaac Asimov (...) Mas os novos inquisidores do Brasil não querem Marx. Acham que o contato com a obra dele transformaria qualquer estudante em marxista convicto. Acreditam que o próprio saber é nocivo – igual aos inquisidores. E, como bons inquisidores, exortam à denúncia de mestres e professores. A obra 1984, de George Orwell, está se tornando realidade no Brasil em 2018 (...) É exatamente esse o problema: a ignorância no Brasil de hoje conta mais do que o conhecimento (LICHTERBECK, 2018).

O ódio à arte não é sem motivo, é estrutural do ur-fascismo: “A suspeita ao mundo intelectual sempre foi um sintoma de ur-fascismo” (ECO, 2018, p.49). Isso não é sem motivo: os ur-fascistas temem o pensamento crítico, uma das maiores armas contra o processo de massificação tão caro a eles. Assim, esses governos têm na arte uma de suas principais inimigas, já que o pensamento crítico é uma barreira a ser superada por esses regimes: “Pensar é uma forma de castração. Por isso, a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas” (ECO, 2018, p.48). Na lógica deste sistema, a circulação livre de ideias é uma constante ameaça e, portanto, o combate a elas deve ser constante.

É importante abordar também a histeria em relação a um suposto iminente “perigo vermelho” (GALLEGO et al., 2018, p.66) e a sua implicação direta sobre artistas e intelectuais. Se no nazismo os Sábios do Sião foram usados como justificativa a um suposto plano de dominação mundial judaica (RODRIGUEZ, 2018), semelhante ocorre atualmente com teorias conspiracionistas que atribuem uma suposta conspiração globalista de esquerda para instaurar grandes ditaduras mundiais. Para ilustrar, vale citar o exemplo da URSAL, mencionada por um candidato durante as eleições de 2018 e que virou piada na internet (O GLOBO, 2018). Em uma espécie de guerra fria civil, recriou-se uma histeria em torno de uma suposta ameaça comunista gerando uma guerra de “nós contra eles”. Em um ensaio no livro O Ódio Como Política, o autor Carapanã⁴ pega um trecho do Mein Kampf e troca a palavra “judaísmo” e “judeus” por “globalismo”. É perceptível como os discursos são próximos entre si:

⁴Pseudônimo utilizado por um autor anônimo.

A doutrina [globalista] do marxismo rejeita o princípio aristocrático da natureza e substitui o eterno privilégio de poder e força pela massa de números e seu peso morto. Assim, nega o valor da personalidade no homem, contesta a importância da nacionalidade e da raça, e assim retira da humanidade a premissa de sua existência e sua cultura. Como uma fundação do universo, esta doutrina traria o fim de qualquer ordem intelectualmente concebível para o homem. E como, neste maior de todos os organismos reconhecíveis, o resultado de uma aplicação de tal lei só poderia ser o caos (GALLEGO et al., 2018, p. 39).

Indo além do que foi feito por Carapanã, essa substituição pode ser repetida em outros fragmentos de *Mein Kampf*⁵:

Caso o [globalismo], junto com o marxismo, seja vitorioso sobre as outras pessoas do mundo, sua coroa será o funeral da humanidade e este planeta vai, assim como foi milênios atrás, girar em um éter esvaziado de homens (...) A ignorância da massa sobre a natureza [da esquerda], a falta de instinto e foco nas classes mais altas, torna as pessoas suscetíveis à campanha mentirosa [do comunismo] (...) Aos poucos o medo e a arma Marxista do [globalismo] aparece como um pesadelo na mente e na alma de pessoas decentes.

Conforme os fragmentos mostram, os discursos conspiracionistas do “perigo vermelho” e do “nós contra eles”, de um suposto plano comunista internacional de tomar o poder através de um sucateamento de instituições conservadoras e tradicionais, como a família e a religião, não é original. Na verdade, assim como o anti-intelectualismo⁶, ele é sintomático do ur-fascismo, já que o condicionamento do ódio e das frustrações é peça chave na psicologia das massas (ARP et al. 2014, p.591). Embora pouco se fale de comunismo após a queda da União Soviética, um espantalho é bastante eficiente no condicionamento e controle das massas (STANLEY, 2018, p.14). Atribui-se, assim, tudo o que pode ser negativo ao lado oposto (GALLEGO et al., 2018, p.54). A Hungria de Viktor Orbán, por exemplo, fecha universidades sob o discurso da “dominação globalista” e “ameaça comunista” (O GLOBO, 2018).

No Brasil atual, não se grita “herege!”, mas “comunismo!”. É a acusação com a qual se demoniza a ciência e o progresso social. A emancipação de minorias e grupos menos favorecidos: comunismo! A liberdade artística: comunismo! Direitos humanos: comunismo! Justiça social: comunismo! Educação sexual:

⁵Foram utilizados trechos do *Mein Kampf* disponíveis na biblioteca online do Yad Vashem.

⁶Entende-se nesse artigo anti-intelectualismo como um movimento de ódio, desprezo ou desconfiança para com o intelectual, artista ou pesquisador, podendo ou não ter a violência física ou verbal como consequência. O processo de desvalorização de dados, fatos, pesquisas e arte, já se enquadra, portanto, como anti-intelectualismo. Com frequência esse movimento se associa com outros aspectos do ur-fascismo, com o discurso de “nós contra eles” e a histeria do “inimigo invisível”.

comunismo! O pensamento crítico em si: comunismo! (LICHTERBECK, 2018).

Desta forma, utilizar-se de uma falácia do espantalho⁷ para estigmatizar a produção e consumo de arte como atividade “comunista”, é bastante útil no sentido de condicionar ao ódio; criando um suposto inimigo, desviando o foco das polêmicas e convencendo as pessoas que, por pior que seja, o governo é uma alternativa válida ao comunismo que pretende acabar com o status quo do cidadão de bem e retirar suas poucas propriedades privadas: “Os fascistas buscarão resolver todas as situações caçando os comunistas e agitando o espantalho da subversão” (MORAES, 2016, p.90). Soa tão absurdo que, comparando realidade à ficção, se assemelha a situação do protagonista de O Deserto dos Tártaros, do italiano Dino Buzzati, que, por toda a sua vida, prepara-se para uma guerra que nunca virá; para não dizer de Dom Quixote perseguindo os moinhos de vento.

2 Direitos humanos para “humanos direitos”: a individualização do universal e a sua consequência sobre a arte

Há um pensamento segregador, diretamente relacionado ao anti-intelectualismo, que tomou conta da discussão acerca dos direitos humanos no Brasil e que pode ser resumido com a frase: “direitos humanos para humanos direitos” (GRAGNANI, 2018). Não somente ela revela um pensamento maniqueísta que classifica o mundo como “bom” e “mau”, mas também reúne a histeria do eminente “perigo vermelho” com o discurso do “cidadão de bem”, assumindo que os direitos humanos não abrangem todos os seres-humanos, mas um grupo em particular. Em outras palavras: os direitos humanos são exclusivos para mim e para o grupo que defendo, já que eu sou “bom” e, por silogismo, eles devem ser direcionados às pessoas “boas”; em oposição binária àqueles que defendem ideias diferentes, e, portanto, “ruins” e “maldosos”. Assim como eu sou “bom”, arte é apenas aquilo que eu aprecio. Se eu gosto de rock, música é somente rock. Se aprecio filmes de terror, filmes de comédia são ruins. E a arte que considero ruim tende ainda a ser associada ao comunismo. Se não gosto daquela forma de manifestação cultural e se não gosto da esquerda, novamente por um silogismo distorcido, aquela manifestação é claramente de esquerda, comunista e subversiva. Os direitos humanos passaram

⁷De acordo com a definição de Douglas Walton, da Universidade de Winnipeg, a falácia do espantalho consiste, simplificada, de deturpar propositalmente argumentos contrários, com a intenção de atribuir um ponto de vista mais facilmente refutável.

a ser odiados, atrelados a uma noção subjetiva de negatividade, e a arte – que com eles pratica uma relação simbiótica indissociável, já que os alimenta e por eles é alimentada – também. O individual se torna universal, sem espaço para o dissenso tão necessário na formação da dialética política e artística.

Entretanto, essa segregação dos direitos humanos é um paradoxo com o próprio documento que os definiram: a Declaração Universal⁸. Ora, se é universal, não pode ser restrito a um grupo específico (ARP, 2014, p.731). Aliás, a própria ideia de igualdade é o pilar central no qual foram fundados: “A ideia dos direitos humanos surgiu com o crescimento do igualitarismo, e é óbvio que a igualdade é o pilar desses direitos” (GRIFFIN, 2008, p.39)⁹. Por mais que o discurso seja diferente da prática e a igualdade completa seja impossível, esse paradoxo do universal restrito a um grupo, esta forma de duplipensar¹⁰, se aproxima justamente dos regimes totalitários (e ur-fascistas) cujo horror perpetrado foi justamente o que originou o documento. Mas a Declaração foi contestada, ignorada e atacada diversas vezes desde sua criação, e esse caráter individualista não é inédito: “Direitos humanos não são coisas que são colocadas na mesa para as pessoas se divertirem. São coisas pelas quais você luta e depois protege” (ONUBR, 2018).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi criada para evitar que atos monstruosos como o holocausto se repetissem (ONU, 2018) e expandiu, pela primeira vez, a concepção de direitos básicos a qualquer ser-humano, independente de sua raça, gênero ou posição; não se limitando mais a homens brancos como em documentos anteriores, como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, criado na França. E, embora não exista um consenso sobre a definição exata de “direitos humanos” (GRIFFIN, 2008, p.14), direitos culturais e artísticos são aceitos como parte integrante em grande parte das declarações e documentos humanitários (OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL, 2011). Tais direitos aparecem em ao menos duas seções na declaração da ONU: no artigo 27, que afirma que “Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios” (UN, 1948), e no artigo 22, que vai além: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (UN, 1948), definindo que não apenas todos os cidadãos devem

⁸O negrito, aqui, é proposital: visa ressaltar a ideia de universalidade inerente aos direitos humanos.

⁹Tradução minha. Original: “The idea of human rights emerged with the growth of egalitarianism, and it is an obvious thought that equality is a, of even at a deep level the, ground for those rights.”

¹⁰Criado por George Orwell, o termo significa, basicamente, a existência simultânea de pensamentos contraditórios.

possuir acesso à cultura e arte, como também que a garantia desse acesso é uma responsabilidade do próprio Estado. “Os direitos humanos e as artes caminham juntos graças a natureza expressiva de ambos” (EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS, 2017)¹¹, daí a importância de leis de incentivo como a Lei Rouanet. Compreende-se, assim, que a demonização e discriminação da arte é incompatível ao Estado Democrático de Direito.

3 Vaga-lumes e resistência

A arte tem como uma de suas principais características a resistência. É, por sua própria natureza, uma metodologia para a luta contra hegemonias, para questionar injustiças e paradigmas. E, em contextos em que os direitos humanos não apenas não são respeitados como, indo além, são atacados, esse poder de resistência é intensificado exponencialmente. Ao contrário do que acreditava Pasolini quando escreveu sobre os vaga-lumes, a resistência está longe de ser completamente engolida. Eles podem ser caçados, perseguidos, escorraçados, mas jamais desaparecerão completamente. Pelo contrário, é justamente nesses momentos que a arte ressurge brilhando intensamente. Quanto mais se esforçam para apagar a sua luz, mais ela brilha. Tome como exemplo o interesse suscitado pelo autor estadunidense Jack London, durante o nazismo. Outrora um escritor relegado a uma “literatura de segundo escalão”, visto como voltado para o público infanto-juvenil (SEIXAS, 2005, p.78), ao ser incluído entre os artistas “proibidos” durante o período nazista, o autor cresceu em popularidade e seu livro *O tacho de ferro*, passou a ser visto como uma espécie de premonição dos movimentos totalitários. London já estava morto há quase 20 anos e, ainda assim, sua arte, atemporal, superando as barreiras físicas, luciluziu em um dos momentos de maior escuridão da humanidade. A arte torna-se resistência não apenas por expressar a resistência, mas por inspirá-la.

Tal foi, no entanto, o desespero político de Pasolini em 1975: teriam as criaturas humanas de nossas sociedades contemporâneas, como os vaga-lumes, sido vencidas, aniquiladas, alfinetadas ou dessecadas sob a luz artificial dos projetores, sob o olho panóptico das câmeras de vigilância, sob a agitação mortífera das telas de televisão? Nas sociedades de controle – cujo funcionamento geral foi esboçado por Michel Foucault e Gilles Deleuze – “não existem mais seres humanos” aos olhos de Pasolini, nem comunidade viva. Há apenas signos a brandir. Não mais sinais a trocar. Não há mais nada a desejar. Não há então mais nada a ver nem a esperar. Os brilhos – como se

¹¹Tradução minha. Original: “Human rights and the arts go together because of the expressive nature of both subjects.”

diz, “lampejos de esperança” — desapareceram com a inocência condenada à morte. Mas, para nós que o lemos hoje com emoção, admiração e assentimento, coloca-se doravante a questão: por que Pasolini se engana assim tão desesperadamente e radicaliza assim seu próprio desespero? Por que ele nos inventou o desaparecimento dos vaga-lumes? (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.58).

O movimento dos Panteras Negras, bastante forte nos Estados Unidos da década de 1960, é um exemplo de como a arte pode agir como resistência (MCKINLEY; RUSSONELLO, 2016). Criado como uma forma de luta contra o racismo estadunidense, o movimento, apesar de se vincular a outras formas de combate, também usava a arte como uma forma de antagonismo para destruir o racismo hegemônico através da conscientização. Já no contexto brasileiro, de forma semelhante, o samba é um excelente exemplo da luta através de manifestações artístico-culturais (LOPES, 2018). Surgido como um gênero periférico, de uma população caracteristicamente marginalizada e abusada, assim como os Panteras Negras, tornou-se um fenômeno tão poderoso que é visto, de forma estereotipada, como o retrato do Brasil. Ou seja, através da resistência subliminar, escondida, muitas vezes até mesmo tímida, a arte pode desafiar a hegemonia política. O confronto através da arte é uma batalha silenciosa, um esforço constante e um caminho asfíxiante; oposição nas sombras, não glorificada: “(...) a resistência na música, a resistência que não estabelece vencedores e vencidos e sim um mundo que tem outra dinâmica, essa resistência é menos valorizada do que a armada, porque nosso modelo preferencial é o herói armado, o herói que enfrenta” (KARNAL, 2017, p.25).

Mas eis o grande paradoxo do ur-fascismo: mesmo sendo eterno, ele não o é. Eterno no sentido de se adaptar ciclicamente e nunca desaparecer completamente; temporário no sentido de que nunca é perpétuo em uma mesma localidade. Mesmo o ur-fascismo que evoluiu para o totalitarismo¹², como o nazismo e o stalinismo, falharam justamente em se perpetuar. Os vaga-lumes, por outro lado, são eternos. Ou ao menos na realidade, já que, na ficção, regimes

¹²Umberto Eco, mais uma vez, define a diferença entre fascismo e totalitarismo: “Se entendermos como totalitarista um regime que subordina qualquer ato individual ao Estado e sua ideologia, então o nazismo e o stalinismo eram regimes totalitários. O fascismo foi certamente uma ditadura, mas não era completamente totalitário, nem tanto por sua brandura, mas antes pela debilidade filosófica de sua ideologia” (ECO, 2018); Hannah Arendt, em *As origens do totalitarismo*, aponta em diversas passagens como uma das maiores características do totalitarismo é, de fato, a tentativa de aniquilar o livre-pensamento: “A propaganda do movimento totalitário serve também para libertar o pensamento da experiência e da realidade; procura sempre injetar um significado secreto em cada evento público tangível e farejar intenções secretas atrás de cada ato político público. Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimidade é substituído pelo conceito de conspiração, e isto produz uma mentalidade na qual já não se experimenta e se compreende a realidade em seus próprios termos – a verdadeira inimidade ou a verdadeira amizade – mas automaticamente se presume que ela significa outra coisa (ARENDDT, 1978, p.238). Em resumo: o totalitarismo é o ur-fascismo em seu máximo expoente.

totalitários se mostraram capazes de eliminá-los completamente. 1984, de George Orwell, é simbólico por apresentar um universo em que a arte, a cultura e a resistência foram completamente destroçadas por um panoptismo ultracontrolador¹³ que não abre brechas para o livre-pensamento¹⁴. Algo que os regimes totalitários tentaram – e falharam em – fazer, uma das razões pelas quais chegaram a um fim. 1984 é nefasto justamente por retratar um futuro em que essa luz não mais existe. A realidade, porém, embora ela própria tenha inspirado Orwell (2009, p.368), ainda não atingiu este patamar. Por mais que o totalitarismo se caracterize justamente por buscar o que o regime de 1984 conseguiu com sucesso, isto é, a total eliminação do livre-pensamento e de capacidade de resistência, e que o ur-fascismo se empenhe na marginalização do livre-pensamento, eles ainda não foram capazes de atingir completamente este nível.

Na corrente contrária a 1984, o final da peça *Catástrofe*, de Beckett, mostra essa atual impossibilidade de aniquilar completamente o pensamento crítico. Na peça, alegórica ao totalitarismo (CALDER, 1983), um homem é moldado continuamente por um diretor de uma peça, com o auxílio de sua assistente, que realiza todas as suas exigências, por mais absurdas que sejam¹⁵. Quase um autômato, o modelo-vivo permanece imóvel no centro do palco, enquanto a assistente e o diretor mexem nele da forma que preferirem, alterando, moldando. Todavia, na última cena da peça, o modelo vivo, que permanecera com a cabeça abaixada durante toda a história, a levanta. Verbalmente, ele nada expressa. Não é necessário. Sua expressão corporal é o suficiente para dizer: “ainda não estou liquidado”. Destarte, através de uma pequena parábola, Beckett mostra o fracasso dos regimes totalitários, ao menos os da realidade, em cumprir com seu objetivo de aniquilar o livre-pensamento. Por mais crimes que fossem cometidos contra a humanidade, em campos de extermínio ou em gulags, a humanidade continuava (e continua) a se levantar, a resistir. E, conforme exposto, a arte assume um papel fundamental nessa resistência. Não somente por se colocar contra o ur-fascismo, em um embate direto, como a própria obra de Beckett faz, mas tanto mais por formar o pensamento crítico necessário ao combate à castração imposta por esses sistemas. O ur-fascismo precisa da passividade para sobreviver, motivo pelo qual possui uma relação intrínseca com as massas, no que David Runciman define

¹³Foucault define o panoptismo como estrutural das sociedades disciplinares: “No panoptismo a vigilância sobre os indivíduos se exerce ao nível não do que se faz, mas do que se é; não do que se faz, mas do que se pode fazer” (FOUCAULT, 1979, p.104).

¹⁴“1984 é a mais terrível antiutopia de todos os tempos, a única que não oferece nenhuma esperança ao leitor.” (CASTRO, 2005).

¹⁵Recentemente realizei um pastiche amálgama e dialético de *Catástrofe* com o poema “America”, de Allen Ginsberg, em uma peça chamada *BraZil*, apresentada no XIX Mostra Bosque. Como se relaciona com o tema discutido neste artigo, adiciono o hyperlink [aqui](#).

(...) tanto o movimento nazista da Alemanha quanto os movimentos comunistas da Europa depois de 1930 recrutaram os seus membros dentre essa massa de pessoas aparentemente indiferentes, que todos os outros partidos haviam abandonado por lhes parecerem demasiado apáticas ou estúpidas para lhes merecerem a atenção. A maioria dos seus membros, portanto, consistia de elementos que nunca antes haviam participado da política. Isto permitiu a introdução de métodos inteiramente novos de propaganda política e a indiferença aos argumentos da oposição: os movimentos, até então colocados fora do sistema de partidos e rejeitados por ele, puderam moldar um grupo que nunca havia sido atingido por nenhum dos partidos tradicionais. Assim, sem necessidade e capacidade de refutar argumentos contrários, preferiram métodos que levavam à morte em vez da persuasão, que traziam terror em lugar de convicção. As discórdias ideológicas com outros partidos ser-lhes iam desvantajosas se eles competissem sinceramente com esses partidos; não o era, porém, porquanto lidavam com pessoas que tinham motivos para hostilizar igualmente a todos os partidos. (2018, p.36)

Se a arte é antropofágica com os direitos humanos, e vice-versa, o ur-fascismo é antropofágico com as massas. E a castração do livre-pensamento é fundamental para se cumprir esse objetivo, daí justamente o anti-intelectualismo, o medo do intelectual, do artista, do pesquisador, em suma, dos vaga-lumes. São eles, em grande parte, os que resistem ao processo de massificação, de uniformização.

Arte produz resistência ao criar algo que nenhum governo foi capaz, ainda, de retirar: esperança. Essa é, mais uma vez, a diferença primordial dos governos totalitários da ficção e da realidade. Na ficção, como em 1984, não há esperança. O final da obra deixa isso evidente. A esperança que surge durante a trama é meramente ilusória, sendo completamente esmagada quando, em dado momento, é revelado que a resistência não passava de uma criação do Partido. Na realidade, porém, mesmo no nazismo e no stalinismo, mesmo com o terror, ainda havia espaço para uma ponta em esperança. E o vício humano em esperança é justamente o que produz resistência, arte como resistência. Enquanto houver esperança, há arte, e vice-versa. E através de um processo dialético dessas duas formas de luta, surgem os vaga-lumes. Mesmo no nazismo foram produzidas peças artísticas valiosas das quais é fácil citar, por exemplo, O diário de Anne Frank. Na ditadura militar brasileira, impossibilitada muitas vezes de falar diretamente com o seu interlocutor, a arte usou de artimanhas como intertextos, ideias subliminares escondidas para evitar a repressão, presente em diversas das músicas de Chico Buarque, como Apesar de você ou Roda viva. Não importa quão reprimida, quão indesejada: a arte encontra um jeito. Podem tentar podá-la e suprimi-la, mas (ao menos por enquanto) nunca obtiveram completo sucesso nesta empreitada. Como Neruda disse, “você pode esmagar as flores, mas jamais adiará a primavera” (CIMAKH, 2018).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi criada após a Segunda Guerra e, portanto, após o contato direto do resto do planeta com os horrores dos regimes totalitários, não sem motivo: os diversos crimes cometidos contra a humanidade evidenciaram a necessidade de um regimento internacional que pudesse ajudar a evitar que atrocidades como o Holocausto viessem a se repetir. A Alemanha de Hitler, a União Soviética de Stálin, a Itália de Mussolini, a Espanha de Franco, entre outros, tentaram, se esforçaram e fizeram da caça aos pirilampos um dos pilares de seus governos. Mas falharam. Enquanto o livre-pensamento puder existir, haverá resistência intelectual, artística e cultural, porque ainda é impossível extirpá-lo. Por mais que o ur-fascismo assim deseje, por mais que o totalitarismo outrora quase tenha conseguido. A arte resiste e luta para que 19 não vire 84.

Cada vez mais, conforme penso na história, fico convencido de que tudo que vale a pena no mundo foi conquistado pelo espírito livre, inquisitivo, crítico, e que a preservação desse espírito é mais importante do que qualquer sistema social, seja ele qual for. Mas os homens de ritual e os homens de barbárie são capazes de calar os homens de ciência e silenciá-los para sempre (LEWIS, 2017, p.383)

Referências Bibliográficas

ARENDDT, H. *As origens do totalitarismo: totalitarismo, o paroxismo do poder*. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Documentário, 1979.

ARP, R. (org.). *1001 ideias que mudaram nossa forma de pensar*. Trad. André Fiker et al. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

BECKETT, S. *Samuel Beckett: The complete dramatic works*. Londres: Faber & Faber, 2006.

CALDER, J. Three Beckett plays at the Harold Clurman Theatre. *Journal of Beckett Studies*. Disponível em: <https://studyres.com/doc/6693446/review--three-beckett-plays-at-the-harold-clurman-theatre>. Acesso em: 6 jun 2019.

CASTRO, R. 1984. In: SEIXAS, H. (org.). *As obras-primas que poucos leram*. v.2. Rio de Janeiro: Record, 2005. p.78-88.

CERIONI, C. O que é a Lei Rouanet, alvo de críticas por eleitores de Bolsonaro. *Exame*. Disponível em: <https://cas.uab.edu/humanrights/2018/04/20/the-importance-of-art-in-human-rights/>. Acesso em: 25 fev 2019.

CIMAKH. The importance of art in human rights. *Institute for Human Rights*. Disponível em: <https://cas.uab.edu/humanrights/2018/04/20/the-importance-of-art-in-human-rights/>. Acesso em: 28 fev 2019.

DEARO, G. Lei Rouanet traz retorno 59% maior do que valor financiado, mostra FGV. *Exame*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/lei-rouanet-traz-retorno-59-maior-que-valor-financiado-mostra-fgv/>. Acesso em: 25 fev 2019.

DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova; Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ECO, U. *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ENDRUWEIT, Leila. Universidades afirmam que corte de 30% pode comprometer ensino. DW. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/universidades-afirmam-que-corte-de-30-pode-comprometer-ensino/a-48598030>. Acesso em: 4 jun 2019.

EUROPEAN UNION AGENCY FOR FUNDAMENTAL RIGHTS. Exploring the connections between arts and human rights. *European Union Agency for Fundamental Rights*. Disponível em: <http://fra.europa.eu/en/publication/2017/exploring-connections-between-arts-and-human-rights-meeting-report>. Acesso em: 4 jun 2019.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Roberto Machado (org.). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GABRIEL, R. O estado da arte. *Revista Época*, n.1091, p.18-27, 2019.

GALLEGO, E. (org.). *O ódio como política*. São Paulo: Boitempo, 2018.

GLANVILLE, J. Godot is here: How Samuel Beckett and Vaclav Havel changed history. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2009/sep/15/vaclev-havel-samuel-beckett-catastrophe>. Acesso em: 6 jun 2019.

GRAGNANI, J. O que são Direitos Humanos e por que há quem acredite que seu propósito é a defesa de bandidos. *BBC*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43465988>. Acesso em: 3 mar 2019.

GRIFFIN, J. *On Human Rights*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

- KARNAL, L. *Todos contra todos*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- LEWIS, S. *Não vai acontecer aqui*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2017.
- LICHTERBECK, P. Brasil, um país do passado. *Deutsche Welle*. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-um-pa%C3%ADs-do-passado/a-46477566>. Acesso em: 25 fev 2019.
- LOPES, N. et al. (orgs.). *O Rio do samba – resistência e reinvenção*. Rio de Janeiro: MAR, 2018.
- MARIANI, D. et al. Fim da Rouanet causaria apagão em orquestras, museus e musicais. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/11/fim-da-rouanet-causaria-apagao-em-orquestras-museus-e-musicais.shtml>. Acesso em: 25 fev 2019.
- MCKINLEY, A.; RUSSONELLO, G. Fifty years later, Black Panthers’ art still resonates. *The New York Times*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/10/16/arts/fifty-years-later-black-panthers-art-still-resonates.html>. Acesso em: 2 mar 2019.
- MOLICA, F. Escola católica do Rio censura livro acusado de ser de esquerda. *Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/escola-catolica-do-rio-censura-livro-acusado-de-ser-de-esquerda/>. Acesso em: 25 fev 2019.
- O GLOBO. Estudo da Fiocruz engavetado pelo governo revela que consumo de opiáceos é maior do que o de crack no Brasil. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-da-fiocruz-engavetado-pelo-governo-revela-que-consumo-de-opiaceos-maior-do-que-de-crack-no-brasil-23711315>. Acesso em: 4 jun 2019.
- O GLOBO. Universidade de George Soros confirma saída da Hungria por ‘expulsão arbitrária’. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/universidade-de-george-soros-confirma-saida-da-hungria-por-expulsao-arbitraria-23276803>. Acesso em: 2 mar 2019.
- O GLOBO. Ursal é citada em debate e vira um dos assuntos mais comentados do Twitter. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ursal-citada-em-debate-vira-um-dos-assuntos-mais-comentados-do-twitter-22966715>. Acesso em: 1 mar 2019.
- OBSERVATÓRIO DA DIVERSIDADE CULTURAL. O direito de acesso à cultura e a Constituição Federal. Disponível em: <http://observatoriodadiversidade.org.br/site/o-direito-de-acesso-a-cultura-e-a-constituicao-federal/>. Acesso em: 2 mar 2019.
- ONUBR. ONU publica textos explicativos sobre cada artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: https://nacoesunidas.org/onu-publica-textos-explicativos-sobre-cada-artigo-da-declaracao-universal-dos-direitos-humanos_. Acesso em: 4 mar 2019.
- ORWELL, G. *1984*. Trad. Alexandre Hubner; Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- RIEMEN, R. *O eterno retorno do fascismo*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2012.
- RODRIGUEZ, D. Teoria da conspiração: os protocolos dos Sábios de Sião. *Superinteressante*. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/teoria-da-conspiracao-os-protocolos-dos-sabios-de-siao/>. Acesso em: 28 fev 2019.
- RUNCIMAN, D. *Como a democracia chega ao fim*. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Todavia, 2018.
- SARAMAGO, J. *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENADO FEDERAL. *Constituição da República Federativa do Brasil - Art. 215*. Disponível em: http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_215_.asp. Acesso em: 26 fev 2019.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.

UN. *Universal Declaration of Human Rights*. Disponível em: <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/>. Acesso em: 26 fev 2019.

WALTON, D. The straw man fallacy. In: BENTHAM, J. et al. (Eds.) *Logic and argumentation*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences, 1996. p.115-28.

YAD VASHEM. Extracts from My Kampf by Adolf Hitler. *Yad Vashem*. Disponível em: <https://www.yadvashem.org/docs/extracts-from-mein-kampf.html>. Acesso em: 2 mar 2019.